

## ENSINO DE FILOSOFIA E O PAPEL DA LÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Clarice Rosa Machado\*  
Maria Alice Coelho Ribas\*\*  
Diego Carlos Zanella\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo aborda o tema do ensino de Filosofia e busca ressaltar o papel da lógica no desenvolvimento da consciência crítica do educando na disciplina de Filosofia na Educação Básica. Trata-se de uma abordagem qualitativa de revisão de literatura narrativa acerca da temática. Por fim, conclui-se que a inserção da Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio compreende a necessidade da formação crítica e autônoma do educando e, nesse sentido, o ensino da lógica contribui de forma significativa para o desenvolvimento de habilidades e competências inerentes ao pensar próprio da Filosofia que privilegia o pensamento autônomo e criativo.

**Palavras-chave:** Ensino. Filosofia. Lógica.

**Resumen:** Este artículo analiza el tema de la enseñanza de la filosofía y busca destacar el papel de la lógica en el desarrollo de la conciencia crítica del estudiante en la disciplina de la Filosofía en la Educación Básica. Este es un enfoque cualitativo para revisar la literatura narrativa sobre el tema. Por último, se concluye que la inserción de la Filosofía como disciplina obligatoria en la escuela secundaria comprende la necesidad de formación crítica y autónoma del alumno y, en este sentido, la enseñanza de la lógica contribuye significativamente al desarrollo de habilidades y competencias inherentes al pensamiento adecuado de la filosofía que privilegia el pensamiento autónomo y creativo.

**Palabras Claves:** Enseñanza. Filosofía. Lógica.

### Introdução

Este trabalho trata do ensino de Filosofia e o papel da Lógica no desenvolvimento da consciência crítica. Embora a Lógica seja uma das áreas da Filosofia, ela não é menos importante, mas intrínseca ao próprio filosofar enquanto aparato para o pensar. A associação entre Filosofia, Lógica e Consciência crítica surgiu em uma discussão em sala de aula, na qual se passou a pensar sobre possíveis relações, haja vista que uma das participantes tem formação em filosofia e estava fazendo a segunda graduação em psicologia.

---

Grande do Sul (gestão 2020-2022). E-mail: [diego.zanella@gmail.com](mailto:diego.zanella@gmail.com)

---

\* Graduada em Filosofia. Mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS. Professora do Cursinho Popular Lumturo. E-mail: [clarice.r.machado@gmail.com](mailto:clarice.r.machado@gmail.com)

\*\* Graduada em Filosofia e Psicologia. Mestre em Filosofia. Professora do Curso de Filosofia, na Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS. E-mail: [marialicecr@hotmail.com](mailto:marialicecr@hotmail.com)

\*\*\* Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) e da Comissão de Ética nos Uso de Animais (CEUA), na Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) e atual presidente da seção regional no Rio

É sabido que a Filosofia potencializa análises críticas sobre o mundo, o ser humano e a realidade e que a Lógica oferece ferramentas para o pensar corretamente, e assim, abrem espaço para o pensamento crítico, mas como essas áreas propiciam o desenvolvimento da consciência crítica? Para tal, trata-se de uma abordagem qualitativa de revisão de literatura narrativa. Para dar sustentação ao estudo, procuramos fundamentar a temática nos(as) seguintes autores(as): FREIRE (1980a; 1980b; 1996), LIPMAN (1990), MURCHO (2002; 2003), GALLO (2005; 2006), VIEIRA; XIMENES (2008), ASPIS; GALLO (2009), KOHAN (2009), WALTON (2009), WAGNER (2009), SEVERINO (2011), SACRINI (2016), MACHADO; CENCI (2020); ainda, subsidiamos a análise empreendida a Base Nacional Comum Curricular (2018), tendo em vista que é o documento nacional que orienta as aprendizagens que os alunos precisam desenvolver ao longo da educação básica.

Vale salientar que a Lógica é um fundamento muito importante para a expressão e comunicação do pensamento humano, tendo como pressuposto que o ser humano é um ser gregário, no dizer de Aristóteles “*zoon politikón*”, um ser da polis, e por isso, necessita expressar e defender suas ideias de modo coerente e consistente para se fazer entender pelos demais. Nesse sentido, o ensino de Filosofia e da Lógica, contribuem, consideravelmente, para o domínio da linguagem e para o aperfeiçoamento da consciência crítica, pois apresentam os elementos essenciais para o desenvolvimento da racionalidade humana e para o exercício da cidadania que requer o domínio dos elementos práticos e teóricos envolvidos na ação.

O artigo está organizado em cinco seções. A primeira corresponde à introdução. A seguir apresentamos a *Contextualização da Filosofia e o seu papel*. Na sequência a passagem *Da Consciência Ingênua à Consciência Crítica*. Direcionamos para *A Lógica e no ensino de Filosofia: a transição para a consciência crítica*. Por fim, as considerações finais.

### Contextualização da Filosofia e seu papel

Partindo do pressuposto de que o *pathos*, o espanto, é colocado como o princípio da Filosofia e que o questionamento é fator primordial para o desenvolvimento da consciência crítica, pode-se afirmar que a Filosofia ocupa um papel muito importante no florescimento do pensamento crítico e no exercício da cidadania, uma vez que ela pressupõe a capacidade reflexiva do sujeito para a resolução dos problemas com os quais se defronta no dia a dia (MURCHO, 2002; GALLO, 2005; 2006; ASPIS; GALLO, 2009; RODRIGO, 2014; MACHADO, CENCI, 2020). Ou seja, a Filosofia tem como prerrogativa a não aceitação tácita de toda e qualquer ideia ou atitude sem antes passar pelo crivo da razão, exigindo uma postura ativa do sujeito no próprio ato de agir (ASPIS; GALLO, 2009; MURCHO, 2002).

Sendo assim, pode-se afirmar que o ensino de Filosofia cria condições para que os alunos discutam sobre conceitos, tais como: verdade, valores, moral, justiça, assim como outras noções conceituais que perpassam as diferentes dimensões do agir humano (GALLO, 2005). A Filosofia, no âmbito da educação, contribui para o desenvolvimento de habilidades cognoscitivas que são funda-

mentais para uma visão não fragmentada da realidade, porque permite um olhar diferenciado que se caracteriza por ser metódico, radical e de conjunto (MURCHO, 2002).

O conhecimento filosófico tem como característica ir à raiz do problema de tal modo a investigá-lo nas suas diferentes dimensões, considerando os diversos fatores que o compõem, concebendo-o em sua totalidade (MURCHO, 2002). Nesse segmento, Lipman (1990) salienta que a Filosofia auxilia os estudantes a descobrirem as coisas por si mesmos através do desenvolvimento e aplicação de habilidades cognoscitivas, tais como, a investigação, a argumentação, o raciocínio, as inferências, a interpretação e formação de conceitos, tendo como consequência a construção da sua autonomia para tomar decisões frente às situações vividas.

Murcho (2002) ressalta que a Filosofia é diferente das outras ciências, seu objeto de conhecimento não se presta ao tipo de experimentação requerida pelas ciências positivas, daí porque o método requerido tem necessariamente que ser outro que não o experimental. Sendo assim, a Filosofia possui um caráter altamente especulativo. Nessa perspectiva, Lipman (1990) retrata que a Filosofia, a partir de sua educação voltada para o pensar, desenvolve as seguintes habilidades: de raciocínio, argumentação, investigação, formação de conceitos e de interpretação. Isso ocorre quando o ensino de Filosofia oferece aos estudantes a possibilidade de debater ideias ao mesmo tempo em que consegue muni-los de instrumentos para que eles possam exercer sua liberdade de avaliar criticamente as ideias. Então, o que distingue a reflexão filosófica das demais é a fundamentação racional dos argumentos que sus-

tentam as posições. Além de oferecer possíveis respostas aos seus problemas, deixa-os em aberto para novas reflexões.

Murcho (2002) afirma que a Filosofia não vai oferecer uma verdade, mas seu estudo descobre problemas e busca resolvê-los através do debate, oferecendo diferentes respostas, opiniões, teorias, ideias para o problema. Nesse sentido, o caráter especulativo da Filosofia constitui um modo específico de interrogar e de compreender a realidade que nos cerca. Não se configura como uma disciplina que vai fixar sua ideia como a melhor e a mais correta, mas pelo contrário, apresenta aos educandos algumas ideias e realiza questionamentos para acessar o que eles entendem ou acreditam. E, ao mesmo tempo, está aberta aos questionamentos, mesmo que sejam os mais ingênuos, permitindo, assim, o pensamento autônomo.

Em conformidade com Freire (1980b, p. 25), “quanto mais o homem refletir sobre a realidade, sobre a sua situação concreta, mais emerge plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”. No ser humano a consciência abstrata permite transcender o imediato, distanciar-se para compreender a realidade e poder intervir de modo mais eficaz e deliberado no mundo. Isto é, agir de uma maneira qualitativamente melhor, pois intencional e consciente e não somente reativa. Pode-se dizer que a conscientização é um meio pelo qual o homem desenvolve sua autonomia e, conseqüentemente, capacidade de intervir no mundo transformando-o. Nesse viés de pensamento, evidencia-se o papel do ensino da Filosofia na Educação Básica como um componente curricular que junto aos demais, pela sua especificidade, contribui para a au-

tonomia do pensamento crítico da criança e do jovem no sentido de criar as condições para que ele seja capaz de relacionar a teoria dos livros à realidade que vive (BRASIL, 2018; MURCHO, 2002). Dito de outro modo, que as aulas de Filosofia promovam o diálogo dentro de uma postura crítico-criativa e não meramente reprodutora de ideias já concebidas sem a análise, questionamento e confronto, a fim de abrir a possibilidade de serem encontradas as respostas às questões levantadas pelos próprios questionamentos e indagações dos educandos (LIPMAN, 1990; GALLO, 2006; KOHAN, 2009).

Cabe ressaltar, no entanto, que a prática do pensar autônomo e criativo, não obstante, se dá pelo desenvolvimento de habilidades e competências cognoscitivas que se encontram intimamente relacionados ao desenvolvimento do pensamento lógico discursivo (GALLO, 2005; 2006).

### Da Consciência Ingênua à Consciência Crítica

A conscientização é uma maneira de tomar posse da realidade, ou seja, é um modo de apreender e compreender a realidade social por meio do exercício da reflexão em que os sujeitos estão inseridos a fim de intervir nela de forma intencional e eficaz. Nessa perspectiva, Freire (1980a, p. 29), ressalta que a conscientização “é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para a conhecer e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante”, pois o ser humano é um ser em relações com seus semelhantes, com o meio ambiente, ou seja, com o mun-

do, assim, o homem não é apenas um ser no mundo, mas um ser com o mundo (FREIRE, 1980a). É um sujeito no mundo porque existe e com o mundo porque participa deste quando toma suas decisões, quando realiza ações e no mundo interfere.

Neste caso, o termo consciência pode ser pensado em dois sentidos: a) descoberta de algo exterior que se refere a um objeto ou realidade; b) as experiências do eu, que é interior, pois diz respeito às vivências individuais de cada pessoa, seus sofrimentos, suas conquistas etc. Sendo assim, “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980a, p. 26).

Tendo presente que o ser humano, enquanto *sapiens sapiens*, sabe, e sabe que sabe, ou seja, ele tem a capacidade de pensar o já pensado, de transcender a realidade (projetar o futuro, saindo do presente e visitando o passado), ele é capaz de transcender o imediato, realizando um deslocamento do mundo mental para uma situação sem de fato estar envolvido nela, podendo assim antecipar as possibilidades e julgar o que quer ou não quer. Deste modo, torna-se, nas aulas de Filosofia, imprescindível trabalhar com os alunos a capacidade de projetar suas atividades, refletir sobre suas ações e criticar cada uma delas para que suas futuras atitudes sejam conscientes, capacidades estas que requerem habilidades lógicas (MURCHO, 2003; BRASIL, 2018; MACHADO; CENCI, 2020).

Segundo Vieira e Ximenes (2008, p. 26), “a consciência transitiva ingênua, então, for-

neceria condições para que se pudesse implantar qualquer tipo de tirania contra os seres humanos”. A consciência ingênua caracteriza-se por considerações superficiais da realidade, gerando uma alienação social dos sujeitos, pois compreende a realidade de forma fantasiosa. Uma vez que essa consciência utiliza das emoções para chegar aos objetivos, isso acaba gerando certos problemas, um exemplo de pessoas que operam com esse tipo de consciência são os ditadores, que utilizavam as emoções como um instrumento para impor suas leis e as regras. Se for permitido que as pessoas tenham essa consciência a sociedade se tornará um caos, haja vista que cada um fará aquilo que lhe beneficie sem pensar nas consequências dos seus atos (FREIRE, 1996; VIEIRA; XIMENES, 2008).

Assim, percebe-se o quão importante é desenvolver nas pessoas a consciência crítica, pois é nela que se leva em consideração a realidade em que se vive, as ações que se realiza, a maior autonomia da pessoa. As interpretações dos problemas pelas pessoas que possuem essa consciência são mais profundas, pois elas analisam os problemas, investigam cada detalhe para evitar enganos. Nesse sentido, o raciocínio lógico é requisitado para absolutamente todas as áreas pela capacidade de resolver problemas independentemente do contexto por meio da interpretação de problemas, e, conseqüentemente, de identificar as possíveis soluções para o problema em questão. Possuem uma argumentação boa, pois tem maior conhecimento e mais segurança ao dar uma opinião. Além disso, sabem ouvir as opiniões dos outros, mesmo que não concordem, e dessa

forma conseguem estabelecer um diálogo com outras pessoas.

A consciência crítica, por sua vez, faz uma análise radical e profunda da realidade para que a ação dos sujeitos seja consciente. Nos conflitos e nas contradições, exercita-se a crítica e a reflexão em um processo que leva o indivíduo à consciência de si mesmo, como ser histórico e social, tornando-os ativos e transformadores da realidade social. Nesse sentido, pode-se dizer que o homem é um ser de transformação, e assim, apreende-se a importância da consciência crítica para a ação intencional (FREIRE, 1980b; VIEIRA; XIMENES, 2008).

Freire (1980a, p. 25) está convencido de que a “educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”. Por meio da consciência crítica as pessoas conseguem refletir sobre suas ações e pensar nas consequências desta. Assim, pode-se dizer que o exercício da consciência crítica é uma atividade libertadora. Uma vez que se tem a consciência de que as escolhas que são feitas ao longo da vida, por ser um ser com o mundo, afetam todos os que nele vivem, e por isso, tem-se responsabilidade social. Neste segmento, o ensino de Filosofia e da Lógica, auxiliam no desenvolvimento do potencial racional dos sujeitos para que possam se tornarem autônomos, fazendo com que os jovens se deparem com questões difíceis de sua realidade, o que necessita a utilização do próprio pensar dos estudantes para solucionar os problemas.

A consciência crítica é uma habilidade que faz com que os seres humanos coloquem dúvida naquilo que lhe é apresentado, e em suas próprias crenças. Depois do dis-

tanciamento, ele consegue examinar cuidadosamente o seu objeto de dúvida, para que não haja equívocos na sua resposta. Ao questionar o pensamento cotidiano, colocando-o sob suspeita, consegue-se aproximar-se gradativamente do que possa ser a verdade, melhorando os fundamentos através dessa criticidade. Nos dizeres de Aspis e Gallo (2009, p. 43) “isto é, como um trabalho de pensar sobre si mesmo que faz com que crescamos e nos modifiquemos como pessoas”.

Essa distinção entre o senso comum (*doxa*) e senso crítico ou ciência (*episteme*) acontece desde a antiguidade, segundo Rodrigo (2014, p. 13) a “oposição entre *doxa* e *episteme* foi consagrada por Platão, para quem a opinião, limitando-se ao mundo sensível, reino do devir, constitui o oposto da ciência, conhecimento das essências imutáveis e subsistentes”.

Assim, temos como pressuposto que os humanos, ao longo do tempo, manifestam alguns comportamentos que precisam ter limites, então, carecem da educação para disciplinar esses comportamentos e se tornarem humanos. O ensino de Filosofia e da Lógica, nesse momento, se torna imprescindível porque possibilita uma atividade crítica frente a todos os conhecimentos que estão sendo ensinados, aos comportamentos, procurando resolver problemas tanto de caráter conceptual a partir de argumentos quanto a aplica-los nos seus fazeres diários fora da escola, ao fornecer ferramentas aos sujeitos para analisar, criticar, debater ideias, exercendo, dessa maneira, a sua liberdade (MURCHO, 2002; 2003; WALTON, 2012; SACRINI, 2016; MACHADO; CENCI, 2020).

O homem não é humano, ele precisa tornar-se humano, desenvolver um conteúdo de humanidade. O homem não é considerado humano, pois quando nasce é carente de conhecimento, de cultura, de costumes. Assim, é através da socialização, da interação com os outros que ele desenvolve um conteúdo de humanidade, aprendendo o que é certo ou errado, o que pode ou não fazer (SEVERINO, 2011). Com isso, ele constrói sua própria identidade e passa a interiorizar os valores. A educação é um fator relevante para a formação humana (SEVERINO, 2011). O desenvolvimento da própria identidade se dá por meio de uma socialização com outras pessoas, com a cultura, com um conviver em sociedade.

Quanto mais elevado for o nível de consciência do indivíduo maior será o domínio que ele terá sobre a sua ação. A elevação do nível de consciência possibilita uma ampliação do campo de visão e, consequentemente, um leque maior de possibilidades de encontrar saídas diferenciadas para os seus problemas (FREIRE, 1980a; 1980b; 1996). O que equivale a dizer, que ao indivíduo fica facultado a opção de escolha e em função disso a possibilidade de criação de realidades diferentes mediante suas intervenções e interações com o mundo no qual está inserido. Sendo assim, o termo consciência não só define a humanidade do ser humano como também evoca a ideia de um conhecimento reflexivo das coisas e de si mesmo levando o homem a expressar o sentimento da própria identidade que pode ser compreendida por outros e formada por suas vivências (FREIRE, 1980b).

A educação se dá mediante a inserção do indivíduo no meio físico e social e pres-

supõe a troca entre pares (BRASIL, 2018). A Lógica em conjunto com a Filosofia oferece aos sujeitos um caminho seguro para buscar a verdade e fugir dos erros, dos enganos, analisando as leis do pensamento (lógica) e a compreensão do que está sendo comunicado (filosofia) de maneira a aplicar esses saberes em suas vidas. Assim, elas contribuem para verificar a correspondência entre o conhecimento e o objeto a ser conhecido, a concordância entre os pensamentos e a identificação da utilidade prática para o agir sobre o meio.

### **A Lógica no Ensino de Filosofia: a transição para a Consciência Crítica**

Uma das áreas da Filosofia é o estudo da Lógica: uma disciplina, em definição ampla, que trata das formas do pensamento. Assim, Copi afirma que “o estudo da lógica é o estudo dos métodos e princípios usados para distinguir o raciocínio correto do incorreto” (1978, p. 19). Isto não significa dizer que só quem estudou Lógica consegue argumentar corretamente, mas que o ponto em questão é que quem possui conhecimentos de Lógica, supostamente, tem também mais possibilidades de raciocinar corretamente. Neste sentido, seja lá qual for o tema que a Filosofia irá tratar, este tema potencialmente poderia passar pelo escrutínio da Lógica, uma vez que a coerência de nossos processos argumentativos e de nosso raciocínio estaria em jogo. Assim, ao pesquisar uma definição de Lógica, encontramos diversas opiniões sobre o que ela é e qual o seu objeto de estudo.

[A] lógica enuncia as leis mais gerais do pensamento, dado que o pensamento visa ao verdadeiro. Independentemente de todo conteúdo, de todo objeto particular, essas leis valem então não só para tudo o que é, mas também para tudo aquilo que pode ser pensado em geral [...] (WAGNER, 2009, p. 8).

No cotidiano é natural falar que algo é “lógico”, mesmo sem saber o significado estrito dessa palavra. Por vezes, usa-se esse vocábulo quando se tem evidência do que se seguiria a um acontecimento qualquer: por exemplo, se eu sei o que se segue caso eu saia e deixe o portão aberto. Assim, fala-se que é “lógico” que os cachorros irão sair para a rua ou que o portão vai bater. É importante observar, contudo, que, do ponto de vista da Lógica, deixar o portão aberto não significa, necessariamente, que os cachorros vão sair para a rua. Afirmações como essas são habituais, mas por estarem muito presentes no dia a dia, não se dá a devida atenção. Então, constata-se que é relevante adquirir alguns conhecimentos sobre a Lógica para poder expressar nossos pensamentos com coerência, ao mesmo tempo em que se evita a ingenuidade do senso comum no que diz respeito a algo ser lógico ou não.

Murcho (2003), diz que não se pode ver a Lógica ou estudá-la como uma disciplina acabada, pois se pesquisarmos sua história, há alterações em suas formas, nas regras, há diferenças entre elas e ainda surgirão outras. Lipman (1990) e Murcho (2003) acreditam que o ensino de Lógica permite aos estudantes desenvolverem a consciência crítica nos diferentes componentes curriculares da Edu-

cação Básica e uma atitude crítica frente à realidade. Com o estudo conjunto da Lógica e da Filosofia, o aluno aprende a não aceitar ideias e/ou argumentos de outros sem uma reflexão prévia. Isto o ajuda a evitar julgamentos apressados e as falsas conclusões, uma vez que lhe permite identificar as premissas implícitas e explícitas nos discursos, para chegar a uma conclusão, percebendo se de fato há coerência lógica nele.

Nesse sentido, o ensino de Lógica leva o aluno a pensar com mais clareza, a detectar erros de raciocínio, a respeitar as opiniões contrárias e identificar a base argumentativa destas, bem como produzir argumentos claros para defender sua posição com mais segurança, evitando, desse modo, o uso de falácias. Isto é, leva-o a perceber argumentos inconsistentes ou falhos que tem aparência de um raciocínio legítimo, mas que não tem capacidade de sustentar aquilo que defende (COPI, 1978; MURCHO, 2003; WAGNER, 2009; WALTON, 2012; SACRINI, 2016; MACHADO; CENCI, 2020). Sendo assim, a pessoa que estuda a Lógica consegue evitar o uso de falácias e a reconhecê-las nos argumentos dos outros.

Os estudantes com essas noções básicas de Lógica e Filosofia, possuem condições de evitar discursos que desrespeitem as regras da Lógica, nos quais a estrutura do argumento se encontra comprometida, como, por exemplo: generalização apressada, argumentos inválidos ou inconsistentes. Os estudantes, também conseguirão manter um nível de discussão em que não incorrem no erro de cometer falácias comuns em debates, tais como: contra o homem (*argumentum ad hominem*), no qual ataca-se o caráter, a nacionalidade, a raça etc., da pessoa que apre-

sentou o argumento e não o argumento que foi apresentado. E, as falácias informais, àquelas em que há aplicação e consistentes, do ponto de vista da argumentação, ela auxilia no exercício da cidadania permitindo que o indivíduo consiga defender seu posicionamento de forma sólida (WAGNER, 2009; WALTON, 2012).

Segundo Murcho (2003), um argumento de forma sólida possui premissas verdadeiras, e que as duas alternativas apresentadas nas premissas esgotem o domínio das possibilidades de resultados diferentes. Outra contribuição da Lógica para o ensino de Filosofia e desenvolvimento do pensamento autônomo e criativo é que ela organiza e clarifica os pensamentos de modo rigoroso impedindo, assim, que outrora os sujeitos se enganassem nas conclusões, evitando erros de raciocínio. Tendo como pressuposto que a Lógica auxilia na argumentação e essa, por sua vez, é exigida na leitura, na escrita e no debate, ela se torna um instrumento importante para a construção de habilidades cognitivas para o exercício da cidadania, mas também no entendimento de outras áreas de conhecimento (COPI, 1978; WAGNER, 2009; WALTON, 2012; SACRINI, 2016; MACHADO; CENCI, 2020). Tal exercício requer posicionamentos bem fundamentados frente a situações cotidianas que demandam uma habilidade no que diz respeito à construção de argumentos válidos e consistentes que possam fazer valer os direitos e interesses do cidadão na construção de um mundo mais sensato (WALTON, 2012; SACRINI, 2016).

A argumentação é uma ferramenta que propicia compreender o mundo e intervir nele para alcançar objetivos específicos (MURCHO, 2003). E a Filosofia se ocupa de

estudar argumentos de filósofos, de questionar, de pensar sobre o que o argumento está comunicando através dos raciocínios. A Lógica enquanto ciência que estuda a estrutura dos raciocínios é importante para a Filosofia, porque os raciocínios são os esqueletos dos argumentos que se utiliza quando se faz ou se estuda Filosofia. Na vida cotidiana o ser humano se depara com muitos problemas, dificuldades e para enfrentá-los carece de argumentos que lhe permitam validar suas escolhas, planos e formar opiniões consistentes e coerentes.

Nesse sentido, o papel da Lógica é dar ferramentas intelectuais que permitam que o ser humano desenvolva o pensar acerca de tudo que está em seu entorno, e perceba como essas coisas o influenciam a agir de um determinado modo, e, que também sofre influências delas. Um exemplo disso é a constante solicitação para que nos “posicionamos” diante de alguma situação, em que dizer simplesmente “sim” ou “não” é insuficiente. Quando isso ocorre, entende-se que é necessário argumentar, isto é, elaborar um conjunto de afirmações que sustentem a ideia que está sendo sustentada. Assim, qualquer que seja a posição diante de qualquer assunto, tem-se uma contínua necessidade de justificá-la, isto é, deve-se apresentar argumentos que as validem e mostrem como se chegou à determinada conclusão. Esse é o papel do ensino da lógica na Educação Básica e por consequência o do ensino da Filosofia, criar condições para o pensamento autônomo e o exercício da cidadania que pressupõe a saída do senso comum à consciência filosófica (MURCHO, 2002; GALLO, 2005; 2006; ASPIS; GALLO, 2009; KOHAN, 2009).

A argumentação do senso comum se caracteriza pela passagem de uma geração para outra sem questionamento, sem reflexão. Ela não possui uma organização, seus argumentos são rasos e inconsistentes. São argumentos utilizados principalmente por aqueles que não têm nenhum conhecimento de Filosofia ou da Lógica. No caso de uma argumentação filosófica, o argumento é organizado de maneira que qualquer uma das proposições que compõem o conjunto, fundamentam a proposição que se quer defender (MURCHO, 2003). Num argumento consistente, a linguagem é clara e possui uma estrutura lógica. Há diversas maneiras de se convencer alguém, e esses modos de convencimento, em uma linguagem mais técnica, são denominados argumentos. Segundo Copi (1978, p. 23), “argumentar é dar razões para que alguém aceite aquilo que está sendo defendido, ou seja, apresentar provas que evidenciem a verdade do argumento”.

Nesse sentido, outra função da Lógica na Educação Básica seria o de contribuir com a criação de instrumentos para a análise de discursos, uma vez que essa é indispensável para expressar as ideias de forma clara, não contraditória, e para retirar a fragilidade da fala, bem como compreender as ideias dos outros, e, assim, evitar os equívocos que são cometidos no dia a dia.

A condição do homem enquanto *Homo sapiens*, ou seja, um ser capaz de não só existir, mas de ter consciência da própria existência, abre para o humano a possibilidade da ação intencional (JAEGER, 1994). No que consiste propriamente a ação intencional? Ação intencional é aquela na qual o indivíduo tem domínio dos elementos teóri-

cos e práticos que estão envolvidos nela. Tem, portanto, clareza acerca das implicações e consequências dessa ação, não só no imediato, mas a médio e longo prazo. Essa clareza de implicações e consequências da ação são a condição *sine qua non* da ação intencional característica do pensar filosófico que pressupõe um ver na totalidade com rigorosidade e radicalidade, próprios do pensamento lógico (MURCHO, 2003). De acordo com Lipman (1990, p. 22), “a lógica certamente é um acompanhamento indispensável para o cultivo do raciocínio, já que os critérios lógicos são os únicos que temos para distinguir um raciocínio melhor de um pior”.

Muito se ouve e se lê sobre o ensino de Filosofia e de Lógica, onde alguns autores expõem acerca dos conhecimentos adquiridos através do seu estudo, mostrando uma tentativa de unir os dois conhecimentos, visto que a Lógica, no sentido em que é trabalhada em alguns textos, é ensinada na disciplina de Filosofia. Na BNCC (BRASIL, 2018), embora não apareçam como um conteúdo específico, estão presentes nas competências gerais do documento quando enfatizam a necessidade de “exercitar [...] a investigação, a reflexão, a análise crítica” para formular e testar hipóteses, “resolver problemas” (BRASIL, 2018, p. 9). E ainda, em outro trecho, quando expõe a necessidade de “argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns” (BRASIL, 2018, p. 10). Essas competências são diluídas nas competências específicas das áreas de Linguagens e suas Tecnologias, de Matemática e suas Tecnologias, de Ciências da Natureza e suas Tecno-

logias e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A ideia é que, norteadas pelas competências gerais, as áreas se organizem de forma que consigam englobar os conteúdos de seus componentes curriculares a essas aprendizagens ao longo da educação básica.

A Lógica, no modo como é apresentada na escola, é um conteúdo dentre outros, mas o que se quer propor é a Lógica como inerente ao próprio modo de filosofar, pois para realizar a atividade filosófica precisa-se de um problema, de argumentos a partir dos quais monta-se um raciocínio, culminando em uma teoria. Porém, ainda não foi dito quais são as capacidades que ambas desenvolvem ao serem trabalhadas simultaneamente. Sendo assim, pergunta-se: quais são?

[A] Lógica e a Filosofia, trabalhadas simultaneamente, desenvolvem nos alunos a capacidade de exercitar o diálogo, analisar posições divergentes, respeitar decisões comuns, a fim de se inserirem nos processos decisórios que ocorrem nas diferentes fases da vida. E a capacidade de se apropriarem de conhecimentos constituídos que lhes permitam realizar uma leitura crítica do mundo, tanto no âmbito natural quanto no social, por meio da investigação, reflexão, interpretação, elaboração de hipóteses e a argumentação (MACHADO; GONÇALVES, 2017, p. 8).

Deste modo, as capacidades que o ensino da Lógica oferece, ajudam os sujeitos a pensar em diferentes possibilidades e, assim, estimula a criatividade no pensamento. E auxilia os alunos a pensar em novas circuns-

tâncias que anteriormente não eram consideradas, e, nesse sentido, capacita-os para um ver de conjunto, radical e rigoroso, próprio do pensar autônomo e criativo (FREIRE, 1996).

Quando a pessoa tem uma consciência ingênua, ela não está apegada ao velho nem ao novo, mas utiliza as duas ideias como guia para as resoluções dos problemas. Tem como característica a simplicidade de interpretar os problemas, pois age de acordo com o senso comum, buscando resolvê-los conforme suas crenças e opiniões (FREIRE, 1980a; 1980b; VIEIRA; XIMENES, 2008). Essas crenças e as opiniões baseadas no senso comum são ruins, porque não são refletidas. Nesse tipo de consciência, há uma subestimação do homem comum, as questões não se resolvem pelo diálogo, mas pela polêmica. A argumentação das pessoas que possuem essa consciência é fraca, pois não conseguem estabelecer uma coerência lógica entre os pensamentos, o que os leva ao engano (WALTON, 2012; SACRINI, 2016; FREIRE, 1980b).

A aula de Filosofia, nesse viés da Lógica, possibilita o desenvolvimento da consciência crítica num movimento que vai da consciência intransitiva, passando pela consciência transitiva ingênua à consciência crítica propriamente dita. Murcho (2003) afirma que o ensino da Lógica oferece algumas ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica, tais como: o princípio da não contradição, o princípio da identidade e o princípio do terceiro excluído que permitem por sua vez a clarificação de ideias, de evitar erros de raciocínio e de avaliar criticamente os problemas, as teorias e os argumentos filosóficos. Uma vez que aluno com-

prende essa forma de leitura da Filosofia, ele passa a olhar de outra maneira para a realidade, com um olhar filosófico, empregando todo esse conhecimento em todos os âmbitos da vida. E é isso que consiste na passagem do senso comum à consciência filosófica no que diz respeito a leitura do mundo (GALLO, 2006; LIPMAN, 1990).

### Considerações Finais

A partir do exposto, acredita-se que quando o aluno desenvolve habilidades como: saber argumentar, interpretar e raciocinar rapidamente a leitura crítica de temas variados, através do ensino da Lógica, ele vai se abrindo para uma outra compreensão da realidade construída a partir de um distanciamento crítico que lhe confere um grau de discernimento no que tange as relações entre as diferentes dimensões da realidade. Deste modo, suas escolhas passam a ser balizadas por critérios forjados a partir do raciocínio lógico, isto é, sua fala e ação comportam um nível mais elevado de consciência que se reflete no modo de organização do pensamento, da articulação da fala e, conseqüentemente, de uma intervenção na realidade de modo eficaz.

Nesse sentido, deduz-se que as escolas precisavam oferecer aos estudantes a possibilidade de debater as ideias, muni-los de instrumentos para que possam exercer sua liberdade de avaliar criticamente as ideias. Assim, realiza-se uma formação para a vida, de modo que os estudantes saiam da escola preparados para resolver os problemas que se depa- rarem ao longo de suas vidas por meio do diálogo sem ter de apelar para a violência. Quanto ao ensino da Lógica e da Filosofia,

ambas contribuem para um modelo de educação voltado para a autonomia, estimulando o aprendiz na busca pelo verdadeiro sentido do ser, do mundo e das coisas que estão nele. Nesse sentido, é aproximando-se das

coisas e da experiência que o aluno começa a entender-se no mundo e a entender o próprio mundo no qual está inserido.

### Referências

ASPIS, R. L.; GALLO, S. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category\\_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 06 ago. 2020.

COPI, I. M. **Introdução à lógica**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação—uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980a. **Educação como prática da liberdade**, v. 10, 1974.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980b.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **Ethica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2006. Disponível em: <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

GALLO, Silvio. Filosofia na Educação Básica: uma propedêutica a paciência do conceito. In RIBAS, Maria Alice et al. **Filosofia e Ensino: a Filosofia na escola**. Ijuí: UNIJUI, p. 389-401, 2005.

JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOHAN, W. O. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

MACHADO, C. R.; GONCALVES, R. C. S. A. O Ensino de Filosofia e a Lógica no Ensino Médio. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS, 16; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ENSINO EM HUMANIDADES E LINGUAGENS, 1; SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR PIBID/UNIFRA, 8, 2017, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2017. v. 6. Disponível em: <https://www.ufn.edu.br/eventos/maiseventos/Edicaoatual.aspx?qtd=7042>. Acesso em: 20 jun. 2019.

[MACHADO, C. R.](#); CENCI, M. P. O Ensino de Competências Lógicas para a Formação Cidadã. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, v. 1, n. 32/33, p. 30-46, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/35110>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MURCHO, D. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. Lisboa: Plátano, 2002.

MURCHO, D. *O Lugar da Lógica na Filosofia*. Lisboa: Plátano, 2003.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2014.

SACRINI, M. *Introdução à análise argumentativa: teoria e prática*. São Paulo: Paulus, 2016.

SEVERINO, A. J. Do ensino de filosofia: estratégias interdisciplinares. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 1, p. 81-96, 2011. Disponível em: [\(PDF\) Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares \(researchgate.net\)](#). Acesso em: 21 nov. 2020.

VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Conscientização: em que interessa este conceito à psicologia. *Psicologia Argumento*, Paraná, v. 26, n. 52, p. 23-33, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19735>. Acesso em: 12 dez. 2020.

WAGNER, P. *A lógica*. São Paulo: Parábola, 2009.

WALTON, D. N. *Lógica informal: manual de argumentação crítica*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Recebido em: 05/01/2021

Aprovado em: 16/07/2021